



ABERTURA DO ANO LECTIVO DE 2011/2012

DISCURSO

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa Regional, Excelência

Senhor Presidente do Governo Regional, Excelência

Senhor Presidente do Conselho Geral, Excelência

Demais autoridades civis, militares e religiosas,

Senhoras e Senhores Membros do Conselho Geral,

Caros Colegas, Funcionários e Alunos

Com esta cerimónia, abrimos mais um ano lectivo da Universidade da Madeira, em circunstâncias muito diferentes das do ano passado, altura em que aqui reunimos todas as Universidades Públicas Portuguesas, para uma celebração conjunta.

Circunstâncias diferentes, porque a crise económica, financeira e política que tem vindo a assolar a Europa não nos ignorou, vindo pôr em causa muito do esforço desenvolvido e que a referida cerimónia reconheceu de forma bem explícita.

Contudo, as Universidades são instituições perenes e têm sabido resistir a tudo. Por isso, apesar da gravidade da situação, gostava de deixar bem claro que acredito que saberemos enfrentar com sucesso este duríssimo desafio e que continuaremos a cumprir a nossa missão de formar, investigar e servir, contribuindo para o reforço da competência da nossa juventude e para o desenvolvimento da Madeira e de Portugal.

As últimas semanas têm sido pródigas em notícias sobre as Universidades Públicas, nomeadamente por causa das restrições que a proposta de Lei de Orçamento para 2012 lhes impõe.

Independentemente do esforço nacional em que todos devemos participar, é sempre útil assinalar os principais aspectos de tais restrições:

Em primeiro lugar, sofremos um corte nas dotações do Orçamento de Estado que representam, no nosso caso, uma redução de 23,75% em relação à dotação de 2011.

Em segundo lugar, manteve-se a impossibilidade de utilização dos saldos que, em muitos casos, permitiria sustentar o corte acima descrito.

Finalmente, embora haja sinais de um possível recuo do governo, foram-nos impostas severas regras de controlo da nossa gestão, que, para além da monitorização periódica, apontam para a impossibilidade de gerirmos os nossos recursos humanos sem prévias autorizações conjuntas dos Ministros da Educação e Ciência e das Finanças.

A estas medidas restritivas juntar-se-ão, sem dúvida, problemas de recolha de receita própria, em grande parte resultantes da dificuldade que muitos dos nossos estudantes terão para cumprirem com os pagamentos das suas propinas.

Este é um facto que nos preocupa e nos choca e que tudo faremos para mitigar, trabalhando com a Associação de Estudantes, que tem demonstrado uma grande sensibilidade relativamente a este assunto.

Olhadas de forma isolada, estas restrições podem conduzir ao comentário comum, segundo o qual as Universidades não devem ser alvo de um tratamento diferenciado, devendo, isso sim, participar solidariamente no esforço nacional.

É verdade.

Mas também é verdade que as Universidades Públicas têm as contas equilibradas e que, já há um número significativo de anos, não recebem do Orçamento de Estado nem sequer as verbas necessárias ao pagamento de salários. No caso da Universidade

da Madeira, por exemplo, a necessidade de recorrermos à nossa receita própria para pagamento de salários é algo com que convivemos há mais de cinco anos.

E ainda assim, fomos capazes de gerar saldos que usámos, sempre que nos foi possível, para investimentos nas nossas infra-estruturas, laboratórios e apoio à investigação.

Que as Universidades há muito se têm vindo a habituar a funcionar com este tipo de limitações é um facto que só por má vontade se poderá ignorar. Como não se poderá ignorar que o fizemos conseguindo, em simultâneo, aumentar a nossa eficiência e reduzir custos de forma muito significativa.

No caso da nossa Universidade, esta disciplina de funcionamento tem sido uma marca dos últimos anos. Um estudo recentemente publicado pela Direcção Geral do Ensino Superior mostra que, apesar da nossa insularidade, temos hoje custos médios por estudante e por diplomado, inferiores à média nacional.

São sinais de que a estrutura da Universidade já pouco pode emagrecer.

Mas mostram também que somos eficientes. De facto, a divisão do custo médio por diplomado pelo custo médio por estudante, que pode ser vista como uma medida da nossa eficiência, coloca-nos em quarto lugar no panorama nacional, atrás das Universidades do Porto, Minho e Aveiro.

A par deste esforço de contenção e eficiência, a Universidade projectou-se nos panoramas nacional e internacional, muito graças a esforços como os que conduziram à criação do *Madeira Interactive Technologies Institute*, em cooperação com o Governo Regional e a Universidade de *Carnegie Mellon*, que vieram demonstrar a possibilidade de termos, numa região insular, iniciativas de nível internacional, inovadoras e susceptíveis de nos tornarem num pólo atractivo para estudantes de todo o mundo.

Este esforço de internacionalização, longe de nos cegar, foi acompanhado de um outro, igualmente importante, de integração no espaço que nos rodeia, colaborando para o seu desenvolvimento, ao nível da investigação, da formação e da prestação de serviços.

Nunca é demais chamar a atenção para o trabalho que temos vindo a desenvolver em prol do ambiente e da natureza em iniciativas como o ISOPLEXIS, ou para o trabalho desenvolvido, em conjunto com a LREC e o Instituto Superior Técnico, na sequência da tragédia de 20 de Fevereiro, ou, ainda, para o lançamento de um conjunto de cursos de especialização tecnológica, da Agricultura Biológica às Energias Renováveis que, para além de certificar técnicos destas áreas, poderão abrir as portas do ensino superior a muitos dos seus alunos.

Estes esforços foram, ainda, acompanhados de um trabalho mais silencioso e interno, ao nível da nossa organização, fundamental para enfrentarmos os problemas da qualidade e da certificação que cada vez mais nos são exigidos a nível europeu. Se bem que frequentemente incompreendidos, estes esforços permitem-nos encarar com confiança os próximos testes a que seremos submetidos. Testes que serão difíceis, mas importantíssimos, pois é bem provável que a tão propalada reorganização da rede de ensino superior se venha a apoiar sobre os seus resultados. Como se apoiará, certamente, sobre resultados do acesso ao ensino superior, aspecto em que, novamente, ficámos bem colocados, com uma taxa de preenchimento das nossas vagas superior a 90%.

Gostava de salientar aqui que este esforço de melhoria tem sido transversal à instituição.

Porque consideramos fundamental este esforço e porque é importante reconhecê-lo, é entregue nesta cerimónia, pela Associação Portuguesa de Qualidade (APQ), o Certificado de 1º Nível de Excelência da EFQM (European Foundation for Quality Management) aos nossos serviços de Acção Social. Os serviços centrais da Universidade estão, neste momento, a preparar-se para se candidatarem ao mesmo nível e as indicações que tenho é a de que a nossa Acção Social poderá, a breve trecho,

estar em condições de ir mais longe. Ao Dr. Ricardo Gonçalves e a todos os funcionários da Acção Social, os meus parabéns e o meu reconhecimento por este feito.

É neste quadro de esforço e progresso da nossa Universidade que nos defrontamos com a realidade da crise que a todos toca e que pode ser, é necessário dizê-lo, particularmente severa connosco, por colocar, a mais de uma instituição, sérios problemas de sobrevivência nos próximos anos.

A esta penalização podemos reagir de várias maneiras. Se acreditarmos nas virtudes do sistema actual, podemos reagir procurando preservá-lo e lutando por isso. Mas será talvez mais lúcido procurarmos responder com base numa previsão do futuro, antecipando o que ele nos reserva e propondo as medidas necessárias para nos encontrarmos preparados, quando essa realidade chegar.

Tal tarefa é tanto mais importante quanto se sabe já que, na preparação do orçamento de 2013, nos estará reservado, provavelmente, outro corte. Se a situação de muitas universidades em 2012 será já bastante difícil, enfrentar 2013 com mais um corte tornar-se-á impossível. A menos que, até lá, algumas alterações fundamentais sejam postas no terreno, criando condições para uma reforma racional e eficaz das instituições e do sistema no seu todo.

A meu ver, estas reformas são absolutamente cruciais no que diz respeito à gestão das carreiras académicas, hoje em grande parte independente da instituição, no que diz respeito aos processos de decisão internos, raramente se tendo a consciência da necessidade da sua sujeição aos interesses globais da organização e, finalmente, no que diz respeito à participação da sociedade civil no governo das Universidades. Aqui, se o novo Regime Jurídico trouxe a novidade dos Conselhos Gerais com uma participação significativa de elementos externos, a verdade é que, ao manter o princípio de uma representatividade maioritária da academia, acabou por não ir tão longe quanto devia.

Numa fase de grandes dificuldades para todos, com escassíssimos recursos, as Universidades terão necessariamente de se adaptar a uma realidade diferente, mais exigente e em que terão, sobretudo, uma sociedade mais crítica e atenta a observá-las e a exigir mais do investimento que nelas faz. Sem uma reforma eficaz dos três aspectos acima referidos, a Universidade Portuguesa terá grandes dificuldades em responder a esse desafio com o sucesso exigido.

Excelências, Colegas, Alunos, Funcionários,

É neste quadro de dificuldades, desafios e transformações, que iniciamos mais um ano lectivo, sendo natural perguntarmo-nos qual o futuro da Universidade da Madeira.

Sendo inquestionável o papel que temos no desenvolvimento da Região, e mesmo a importância que temos já para a sua economia, acredito que o nosso futuro passa sobretudo por este aspecto: o do reforço deste nosso papel, o da nossa adequação, cada vez maior, às necessidades desta mesma região mas também o de sermos motores da sua projecção internacional, colaborando, por essa via também, no seu desenvolvimento cultural, científico e económico.

Tal exigirá um olhar cada vez mais atento às necessidades da Madeira e uma predisposição para redefinirmos os nossos objectivos e nos reorganizarmos em função dessas necessidades. No entanto, em face das grandes dificuldades que iremos enfrentar, é necessário reconhecer que, sozinhos, não seremos bem sucedidos.

Ao longo destes anos, habituámo-nos ao carinho e ao respeito com que a Universidade da Madeira é tratada, reconhecendo-se nela um instrumento da transformação e progresso da Região. Acreditamos que, hoje mais do que nunca, uma Universidade saudável do ponto de vista financeiro, credível a nível nacional e internacional e atenta aos problemas da Região será um instrumento fundamental do seu desenvolvimento. Acreditamos, por isso, que a Região saberá, no momento certo e com o grau de exigência que lhe cabe ter, defender a sua Universidade e ajudá-la a enfrentar os difíceis desafios do futuro próximo.

Pela nossa parte, temos procurado definir uma estratégia que nos permita, numa primeira fase, responder aos nossos problemas mais urgentes, que são, sobretudo, de carácter financeiro. Neste sentido, o Conselho Geral da Universidade discutirá, esta tarde, um primeiro conjunto de medidas tendentes, por um lado, a reduzir despesas e, por outro lado, a fixar objectivos financeiros a alcançar em 2012 pelas diversas unidades. Com base nesses objectivos, esperamos que as unidades proponham, até Dezembro, um conjunto de iniciativas nos campos da formação, investigação e prestação de serviços que nos permitam reduzir de forma significativa o défice que prevemos para 2012.

Com estas medidas pretendemos, acima de tudo, demonstrar que nos é possível responder a estas dificuldades que tão bruscamente nos foram colocadas.

Mas sabemos que elas poderão ser eventualmente insuficientes. Iremos, por isso, trabalhar a outros níveis, sobretudo no campo internacional e em cooperação com outras universidades, no sentido de podermos, por essa via, obter outros recursos. Esperamos ser bem sucedidos.

Minhas senhoras e meus senhores,

Os tempos de grandes dificuldades são também, como todos sabemos, períodos de grandes oportunidades. Acredito que a Universidade da Madeira saberá olhar para esse período precisamente nesta óptica, transformando-se e adaptando-se a uma nova realidade.

Na nossa breve história fomos sempre capazes de aproveitar momentos chave para mudarmos, encontrando sempre o nosso caminho próprio.

Estou certo de que seremos capazes de o fazer novamente e com sucesso.

Muito obrigado.